

## *Sobre a Resenha "A Crise dos Paradigmas" de Waldemar de Gregori\**

**Vera Maria P. de Miranda Henriques**

Doutoranda do Departamento de Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC/Rio)

Quando Bourdieu (1983) nos lembra que competência dentro do campo científico deve ser compreendida enquanto capacidade de falar e de agir, a partir de uma posição socialmente autorizada e por um agente determinado, traz implícita não somente a perspectiva da luta concorrencial intracampo, mas também o que pode denominar-se de luta intercampos. Neste espaço de tensões entre disciplinas, o embate se estabelece simultaneamente a partir de pontos comuns entre elas e de códigos próprios a cada uma, representados por formas particulares de linguagem, de pressupostos teóricos e de linhas de pensamento que, embora não possam ser colocados como a base de conflitos epistemológicos, estão diretamente remetidos aos interesses intrínsecos e/ou extrínsecos de cada área, formando com ela o que poderíamos chamar de seu capital técnico.

Tendo em vista as colocações acima, gostaria de, como doutoranda do Departamento de Educação da PUC/Rio, portanto, em contato direto com o trabalho ali desenvolvido, questionar os princípios teóricos utilizados por Waldemar De Gregori em sua resenha (*Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, n.175, p.613-618) do livro *A Crise dos Paradigmas e a Educação*, escrito por professores ligados àquele departamento.

Inicialmente, cabe ressaltar que tanto a colocação de "diálogo interdisciplinar" como sinônimo de "exposição de intersubjetividade", quanto o falar de "final de ciclo" ou "metamorfose" de paradigmas, estes, associados à "cosmovisão", revelam o uso indevido dos termos

Publicamos esta réplica aqui, tendo em vista sua articulação com o lema enfocado e os subsídios que possa trazer ao debate sobre o mesmo — o que é um dos objetivos da seção.

*interdisciplinar e paradigma* que, a despeito da complexidade que encerram, são muitas vezes flexibilizados a ponto de perderem sua coerência hermenêutica original.

Uma observação atenta ao rigor (não rigidez) de uma perspectiva científica não pode deixar de perceber que a transposição de determinados conceitos operando deslocados de suas matrizes teóricas dá margens a leituras cuja incoerência retrata muitas vezes a falta de seriedade no emprego de critérios disciplinares. Nesse sentido, Waldemar De Gregori parece desconhecer que o termo *paradigma* tal como focado no livro *A Crise dos Paradigmas e a Educação* retrata uma questão epistemológica que se remete a Thomas Kuhn em seu livro *A Estrutura das Revoluções Científicas* (1992) e às inúmeras ramificações teóricas que daí surgiram.

Assim, paradigma é nesta ótica entendido como modelo, mas no sentido de uma aquisição a que se chega no processo de desenvolvimento de uma ciência, e que, simultaneamente, inclui uma teoria e aplicações dela aos resultados das experiências e das observações. Tendo uma vigência conjuntural, os paradigmas são postos de lado e substituídos por outros, muitas vezes incompatíveis com eles, em um complexo jogo de tensões peculiar ao processo de desenvolvimento científico como tal. Por isso, não podemos falar de paradigma como o "conjunto de pressupostos de uso individual ou coletivo" utilizados pelo sujeito na percepção de seu lugar no "ecossistema", nem como "resultado do uso desses pressupostos", conforme salientou De Gregori em sua resenha (*RBEP*, n.175, p.613).

Também a leitura efetuada pelo resenhista, que dá margem a uma subdivisão do conceito de paradigma em "paradigma-instrumento" e "paradigma-produto", se revela insatisfatória e equivocada, quando constato que os autores por ele subentendidos, porém não mencionados (Danilo Marcondes e Carlos Plastino), tomam o conceito dentro da visão de possibilidade e necessidade de uma racionalidade científica que tem por base a adesão a uma forma particular de ver o mundo e praticar ciência, como fundamento de um campo de atividade estabelecido. Não cabe portanto falar de "construtos generalistas" ou de "construtos menos permanentes", uma vez que paradigma, dentro de uma visão kuhniana, é uma matriz disciplinar, partilhada por toda uma comunidade científica dentro daquilo que chamou de período de ciência normal (1962).

Percebo ainda que a proposta De Gregori se distancia dos parâmetros básicos do livro resenhado, tornando-se, portanto, artificial, quando, remetendo-se à questão da inter e da transdisciplinaridade, suscita para o campo elementos que, por razões gnosiológicas, lhe são estranhos, tais como a "tradição espiritual", "a teoria do caos" e "a arte". Parece que o resenhista ao ler o livro *A Crise dos Paradigmas e a Educação* não esteve suficientemente atento para entender que ele traz implícita uma discussão epistemológica onde se interrogam a natureza e a especificidade do conhecimento científico, a partir das relações estabelecidas entre as diversas disciplinas, incluindo aí a educação como ponto de referência básico.

Nesse sentido, o livro procura registrar as inquietações e o debate que se configuram como o questionamento sobre a aproximação entre o campo educacional e as perspectivas de um novo modelo de ciência que se insurge sob os veios da pós-modernidade, e que tem já há alguns anos encontrado respaldo teórico entre os professores do Departamento de Educação da PUC/Rio. A tais preocupações se alia a reflexão sobre a identidade desse campo como produtor de conhecimento. Por isso, o livro não traz, tal como quer De Gregori, nem a inclusão das experiências da Universidade Holística de Brasília, nem a produção dentro da área de Cibernética Social.

Enfim, pelo grau de distanciamento que o resenhista estabelece com o texto, a ponto de trazer para a interpretação expressões que não mantêm com ele nenhuma relação quer teórica ou semântica tais como "ecossistema planetário" e "abordagem dialética", posso afirmar que estamos diante daquilo que Eco (1993) chamou de superinterpretação. Sim, embora reconhecendo o papel ativo do intérprete, esse pensador é claro quando faz ressalvas aos exageros que daí podem vir. Nesse sentido, defende a "intenção do texto", colocada entre a intenção do autor e a intenção do intérprete, como critério de limite para a interpretação, onde é possível que existam sentidos desprovidos de propósitos em relação ao texto.

Sob esse ângulo, verifico que De Gregori diz não somente do livro como um todo, mas especificamente do artigo de Danilo Marcondes, "A Crise de Paradigmas e o Surgimento da Modernidade", coisas que não são autorizadas pelo próprio texto. Pois a exposição do filósofo se

desenvolve no âmbito da chamada Revolução Científica nos séculos XVI e XVII no mundo ocidental com suas condições de base histórico-material e intelectual. Aí, a idéia de cientificidade é, portanto, definida a partir de um tempo e de um espaço, relativa e particular a uma conjuntura específica. Por que incluir nessa abordagem, conforme quer De Gregori, as cosmovisões "islâmica" e "zen-bundista"?

Creio, portanto, que se estabeleceu com a resenha de De Gregori aquilo que inicialmente chamei de luta intercampos. Falando do campo da Cibernética Social sobre o campo educacional, o autor traz à luz questões que Jamati (1992) colocou de forma contundente. Diz ela: "Ora, o que se ganha em se introduzir, em uma problemática já construída e mais ou menos operacionalizada, noções tiradas de uma disciplina que não se pratica? Não viriam elas tapar um buraco do conhecimento? (...) com freqüência, são as noções mais ou menos vulgarizadas as que são tomadas de empréstimo". Enfim, onde começam as fantasias e as projeções do leitor? ...

## Referências bibliográficas

- BOURDIEU, Pierre. O campo científico. In: ORTIZ, Renato (Org.). *Pierre Bourdieu*. São Paulo: Ática, 1983.
- BRANDÃO, Zaia (Org). *A crise dos paradigmas e a educação*. São Paulo: Cortez, 1994.
- DE GREGORI, Waldemar de. [Resenha: *A Crise dos Paradigmas e a Educação*']. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, Brasília, v.73, n.175, p.613-618, set./dez. 1992.
- ECO, Umberto. *Interpretação e superinterpretação*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- JAMATI, Viviane Isambert. Ciências da Educação: um plural importante quando se trata de pesquisa. *Teoria & Educação*, n.5, 1992.
- KUNH, T. *A estrutura das revoluções científicas*. São Paulo: Perspectiva, 1992.